



SÃO PAULO REINVENTADA: HIGIENÓPOLIS E UM NOVO TEMPO

Thais Ferraz de Barros Pimentel*

Resumo – A cidade de São Paulo se constitui, em fim do século XIX, no espaço físico onde a nova estrutura socioeconômica transformada se projeta mais vivamente. Há um enorme crescimento demográfico, diversificação do mercado de trabalho, remodelação da estrutura urbana, novos padrões de comportamento e critérios de valorização social. Isso se origina na riqueza gerada pelo café. Higienópolis surge nesse quadro e traduz, na forma física de uma parte da cidade, todo esse arcabouço. Surgem, nesta leitura do passado, indivíduos cuja ação inovadora possibilita a introdução da mudança na cidade, reflexo do todo social. Esse processo se completa na reelaboração simbólica da nova realidade e em seu compartilhamento com os diferentes grupos sociais.

Palavras-chave: Higienópolis, São Paulo, burguesia agrária em São Paulo, sanitarismo, inovação.

COMEÇA O SÉCULO XIX

O século XIX teve início com profundas transformações na vida brasileira. A corte portuguesa, transferida para o Rio de Janeiro, trouxe hábitos citadinos, incentivo à cultura, novas atividades econômicas e sociais tiveram lugar e começou a tomar corpo uma camada urbana intermediária.

A vizinhança do Rio de Janeiro e de zonas de mineração traz pequeno alento a São Paulo, que participava do abastecimento dessas populações. Supera a extrema pobreza dos Setecentos, mas entra nos Oitocentos sem que a prosperidade se tivesse instalado.

O perímetro urbano se restringia ao estreito pontal formado pelos rios Tamanduateí e Anhangabaú. Na pequena cidade, estavam estampadas a pobreza e a estagnação do meio rural no qual se situava, ainda que centralizasse as funções administrativa e religiosa.

Essa gente paulistana tinha hábitos rígidos. A vida de família acontecia intramuros e a área de circulação da cidade era domínio dos pobres e escravos que nela desenvolviam suas

* Mestre em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento.

ocupações e suas atividades lúdicas. Os principais, quase únicos, eventos sociais eram os religiosos com seus ritos e pompas correspondendo às necessidades seculares de certos grupos sociais. Desses, todos participavam.

Aos poucos a vida começa a mudar. Em 1823, São Paulo recebe o título de Cidade Imperial, e, em 1827, o curso jurídico foi criado. A Academia se tornou foco de saber jurídico e formação política e deu nova personalidade à cidade. As ruas ganharam novos donos, e a vida cultural e social, um novo estímulo. Esse grupo de estudantes formado pelo escol da juventude paulistana e de todo o país permaneceu justaposto à estrutura social simples da cidade que era incapaz de englobá-los. Mesmo assim, colaborou para que o proverbial isolamento da elite paulistana começasse a ser rompido. Entre 1828 e 1870, São Paulo foi o burgo dos estudantes.

Em meados do século XIX, a cidade começa a mudar. Novas ideias introduzidas pela Academia, o hábito irreverente dos estudantes, a imprensa e o teatro, o crescimento demográfico, graças ao afluxo de estudantes e de ricos fazendeiros que fixam residência na capital de província começam a minar os valores tradicionais de austeridade, religiosidade e severo comportamento familiar.

A agricultura prosperava com a produção canavieira do oeste paulista e isso se refletia em São Paulo. Quando, em 1854, a cana-de-açúcar declinou no mercado internacional, o café já estava presente. Plantado maciçamente na região de Campinas desde 1845/1846, de lá se irradiou para o oeste, indicando o novo rumo da economia paulista.

O capital investido na formação dessas fazendas de café provinha dos donos de engenho que se tornaram cafeicultores, daqueles cafeicultores migrados do Vale do Paraíba para o oeste paulista e de algumas famílias mineiras. Usando a estrutura fundiária, a infraestrutura e a mão de obra preexistentes reduziram custos e se aproveitaram do alto preço do café no mercado internacional, acumulando polpudo excedente. Esse se constituirá na base da transformação de São Paulo na região mais opulenta do país.

DE BARÃO A EMPRESÁRIO

A cultura cafeeira crescia baseada na extensão de fronteiras. Dentre os fatores de produção, a terra era o mais barato. Com essa atividade crescente, a mão de obra escasseava e as fazendas se distanciavam mais do porto. Eram sérios entraves a superar.

Era preciso inovar, encontrar novas estratégias e soluções. A dimensão do problema exigia uma atuação conjunta e criativa. As respostas encontradas mudaram a vida da província e transformaram a oligarquia em burguesia agrária.

A alternativa para prover as fazendas de mão de obra foi a imigração europeia. Em 1871, criou-se a Associação Auxiliadora de Colonização e Imigração, autorizada pelo governo imperial. Em 1886, mais eficaz que a anterior, foi criada por fazendeiros importantes, em

reunião convocada pelo vice-presidente e depois presidente da província, Antonio de Queirós Teles, a Sociedade Promotora de Imigração. Eleito presidente da associação, Martinico Prado dirigiu na Europa a primeira fase de recrutamento e remessa dos imigrantes que chegavam a São Paulo; eram alojados na Hospedaria dos Imigrantes e posteriormente enviados para as fazendas (DARREL, 1977, p. 169-170).

O imigrante foi o trabalhador das fazendas, o artesão na cidade e o operário na indústria que surgia. Sua presença no país aumentou o mercado consumidor e rompeu a autossuficiência das fazendas, integrando-as no sistema de mercado, contribuiu para a consolidação da economia monetária e deu condições para a abolição. Possibilitou que a oligarquia se transformasse em burguesia agrária. Em 1888, libertos os escravos, rompia-se a sociedade de castas e se abria caminho para a solidificação de relações capitalistas na sociedade.

As ferrovias que encurtaram as grandes distâncias e possibilitaram a incorporação das zonas férteis e distantes à economia cafeeira fomentaram o mercado de trabalho e introduziram a inovação tecnológica e a atividade industrial. Foram uma alternativa de investimento seguro para os fazendeiros e canalizadora de capital estrangeiro para a província. Cristalizaram a importância da cidade de São Paulo para onde convergia toda a produção a ser remetida ao Porto de Santos, e de onde partia a mercadoria a ser distribuída no planalto.

Fortalecia-se o comércio, começavam a se abrir os caminhos para a indústria e desenvolvia-se a infraestrutura da província e da cidade de São Paulo. A atividade financeira aumentava pela necessidade de dar suporte à produção e comercialização do café. Importante é que o fazendeiro já tinha se afastado de sua base rural. Ele se tornara um empresário que empregava mão de obra livre, diversificara seus investimentos, punha seu capital em instituições financeiras, incorporava bancos, chegando a organizar companhias para comercializar seus produtos e participava de investimentos industriais. Aplicava em transporte, terras e imóveis na cidade, e na época surgiram muitos loteamentos, uma nova forma de comercialização da área urbana, como Santa Cecília, Campos Elíseos, Higienópolis, Chácara Bela Cintra que originou a Avenida Paulista. A cidade também se expandia em outras direções, com vários outros loteamentos, como Quarta Parada, Hipódromo etc. (HOMEM, 2011, p. 36, 55). O capital estrangeiro estará presente na economia cafeeira em aplicações vinculadas aos setores financeiro, comercial e de infraestrutura. Uma oligarquia com tons de burguesia que dirigirá o país monopoliza a terra.

Esse barão aburguesado não é somente um empresário, mas um empresário urbano. Proclamada a República, o empresário paulista se libertava do poder centralizador do Império e na província se concentraram o poder político e o econômico.

O período abarcado pelo final do Império e pelo começo da República foi marcado pela expansão das forças produtivas e transformações que levaram ao aparecimento de novos setores sociais. A estratificação baseada na relação senhor-escravo, após sucessivas investidas, desaparece em 1888 com a abolição e é substituída pelo empresário-assalariado.

A partir disso, instaurou-se um extenso processo com múltiplas implicações que a cidade de São Paulo vivenciou passo a passo.

A CIDADE, MEDIAÇÃO E VIDA

Segundo Henry Lefebvre (1969, p. 47), a cidade tem "relações com a sociedade em seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes [...] e sua história".

Se a sociedade muda, muda também a cidade, mas não como um resultado passivo, pois a cidade depende das relações entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade. A vida da cidade se forja entre a "ordem próxima" (relação dos indivíduos em grupos e entre os grupos, mais ou menos organizados) e "a ordem distante" (ordem da sociedade, regida por instituições, cultura e conjuntos de significantes). A ordem distante se projeta na realidade vivida e torna-se visível nela.

A cidade é uma mediação entre as mediações. Contendo a ordem próxima, ela a mantém; sustenta relações de produção e de propriedade; é o lugar de sua reprodução.

Contida na ordem distante, ela a sustenta; encarna-a; projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano de vida imediata; a cidade inscreve essa ordem, prescreve-a, escreve texto num contexto mais amplo, e inapreensível como tal a não ser pela mediação (LEFEBVRE, 1969, p. 47-48).

A cidade, segundo Lefebvre, é uma obra, obra de grupos e pessoas que a realizam em condições dadas. A cidade tem uma história, escrita por grupos e indivíduos, numa sequência de ações e relações sociais, prenhes de mensagens. Ao inserir o indivíduo e o grupo como agentes, abre-se espaço para trabalhar a inovação e mudança como resultado de uma ação que reformula normas e padrões.

A cidade pode e deve ser lida e relida. Ela se escreve a partir da ação, das instituições e das ideologias. Ela é a mediadora, nela a vida acontece, a realidade é construída, em meio a todas essas interferências e dinamismo.

A cidade teve a singular capacidade de se apoderar de todas as significações a fim de dizê-las, a fim de escrevê-las e ressignificá-las, incluindo aquelas oriundas do campo, da vida imediata, da religião e da ideologia política. A realidade física da cidade a traduz funcional e visualmente. Os monumentos e as festas revelam significados.

A sociedade se transforma na segunda metade do século XIX, permeada pelo modo de produção capitalista, e vai se projetar na cidade de São Paulo mediante a ação concreta de indivíduos e grupos sociais.

São Paulo se torna poliglota, comercial e virtualmente industrial. Diversifica-se a estrutura ocupacional urbana e uma forte influência europeia se alia ao crescimento do poder aquisitivo das elites.

Por volta de 1890, é patente a pujança de São Paulo. Nesse momento já se tornara a segunda cidade mais importante do Brasil, superada somente pelo Rio de Janeiro. Crescia rapidamente. Ela, que entrara no século XIX como uma vila acanhada, começará o século XX como uma cidade cosmopolita com 200 mil almas.

Conforme avalia Richard Morse (1953, p. 206), 70% da população pertencia às classes inferiores; 25%, à classe média; e 5% eram constituídos pela classe superior. Essa se compunha de uma elite agrária oriunda de linhagens detentoras da propriedade da terra e do poder político, e de comerciantes e militares a ela associados pelo matrimônio. O grupo mais dinâmico, os fazendeiros do oeste paulista, diversificava suas atividades e atuava nos setores comercial, industrial e financeiro. Somava-se a esse a grande burguesia financeira, comercial e industrial, da qual faziam parte estrangeiros. As camadas médias engrossavam, compostas de profissionais liberais, pequenos proprietários industriais e comerciais e funcionários públicos. As camadas inferiores eram constituídas por criados, empregados de categorias mais humildes e operários.

Paulatinamente, São Paulo se modificou refletindo o novo sistema que se sedimentava. Isso acontecia em movimentos de fluxo e refluxo, novas organizações sociais absorviam as outras, anteriores, ligeiramente modificadas. Assim é que viajantes a visitar São Paulo na segunda metade do século XIX se surpreendem que se possa encontrar na cidade uma significativa disponibilidade de recursos materiais. Entretanto, destacam que ainda permanece quase inalterada a forma de viver reclusa de sua população e como os hábitos rudes ainda fazem parte do cotidiano de sua elite (ZALUAR, 1953, p. 125).

Na cidade, vê-se a ordem competitiva tomar o lugar da estamental, e, ainda que sejam os mesmos indivíduos a compor a elite e exercer o poder, sua estrutura é outra. Cresce o leque de atividades econômicas e também a possibilidade de mobilidade social. São Paulo era e continuava a ser o centro político, administrativo e religioso, crescendo em influência na medida em que aumenta a riqueza da província e esta se liberta do controle imperial centralizador. Entreposto comercial havia sido desde os primórdios, e essa função foi reforçada com a construção das estradas de ferro. Agora São Paulo é o ponto a ligar as ricas plantações do "ouro verde" e o grande mercado consumidor da Europa e dos Estados Unidos. Crescem os serviços e aflora a indústria, criando espaço para a ascensão social de muitos imigrantes. A ecologia urbana acompanhou a diversificação das atividades e reproduziu a estrutura social.

A partir dos anos 1870, a diferenciação entre campo e cidade estava sedimentada e os *ethos* rural e urbano constituídos. A cidade é o repositório do moderno, do novo. O estrangeiro é valorizado em detrimento do nacional, o cinema é a diversão preferida e o interesse pelo corpo se reflete na prática de esportes como futebol e ciclismo que enfatizam movi-

mento e rapidez. A rapidez põe o tempo em questão e o tempo valorizado é o futuro. O culto à tradição é substituído pela técnica, ciência e inovação.

A relação da burguesia com o espaço urbano segue certos padrões. Faz-se uma redistribuição espacial da população com base no *status* social, além da relação de parentesco. As camadas inferiores são realocadas distantes do centro e dos bairros burgueses. O centro é reservado a atividades comerciais e administrativas. As antigas construções foram demolidas, as ruas alargadas, novas construções de residências ou edifícios públicos são feitas ao estilo europeu, com material importado que ia da telha ao menor detalhe. Palácios, teatros, hospitais modificavam a paisagem. A realocação de diferentes atividades econômicas tem lugar, bem como o embelezamento do espaço com a construção de parques, monumentos. Procede-se ao saneamento.

Em 1874, o presidente da província apresentava o seguinte relatório:

Na generalidade destas obras deram-se gastos inevitáveis com desapropriações, aterros e extensas escavações. É escusado apontar as reformas e os impulsos dados ao Jardim Botânico, o abastecimento de água do Brás, compra de 1760 tubos para o abastecimento igual nas freguesias de Santa Ifigênia e Sé; a imensa arborização das ruas e outros serviços da maior importância. Tudo isso recebe sua justificação em considerações econômicas, que são afastadas parecem de suas naturezas. A capital, engrandecida, circundada de atrativos e gozos, chamará a si os grandes proprietários e capitalistas da Província que nela formarão seus domicílios ou temporárias e periódicas residências. O comércio lucrará, ampliando seu consumo. As empresas se fecundarão com recursos vastos e acumulados de seus novos habitantes. As forças produtivas da população, enfim, serão mais fecundamente empregadas (TORRES, 1967, p. 102).

Discurso extremamente significativo! Podemos perceber aqui a preocupação em reorganizar o espaço urbano com desapropriações e aterros. Abordando o abastecimento de água, a arborização põe em questão saneamento e saúde. Os espaços públicos onde possa acontecer a vida social e cultural da cidade são também tratados. No Jardim Botânico, depois Jardim da Luz, se podia passear e ouvir peças musicais. O poder público trabalhava para que a cidade oferecesse qualidade e beleza e pudesse atrair fazendeiros e capitalistas, o que fortaleceria sua economia, lucrando o comércio, desenvolvendo a indústria e ampliando o mercado de trabalho.

O aburguesamento e a modernização das cidades trazem a necessidade de construção de um saber que possibilite intervir nela e este é construído a partir de uma visão médica da sociedade. A medicina social do século XIX procura sanear o ambiente e normatizar a relação dos homens com o ambiente e com os outros homens. Por meio de higiene pública atuando

sobre o saneamento e a saúde, tenta-se criar uma organização racional, o controle social e a ação na cidade. Em 1894 foi criado o Código Sanitário (HOMEM, 2011, p. 34) que dispunha sobre demolição de imóveis insalubres, as normas para construção de casas salubres, a obrigatoriedade do poder público de prover transporte etc. Essa medicina é o embrião do planejamento urbano, vai permear e interligar setores como economia, engenharia, educação e arquitetura, e seu exercício acontece por intermédio do poder público.

O programa da cafeeicultura consistia em preparar a capital em conformidade com as normas de higiene, visando, ao mesmo tempo, a viabilização da indústria imobiliária e as atividades comerciais. O objetivo era obter a livre circulação de mercadorias e dos meios de transporte [...]. A salubridade, traduzida como aeração e insolação, era obtida mediante a abertura de praças, largos, parques e jardins (HOMEM, 2011, p. 33).

Seguindo essas premissas, os ricos começam a caminhar para oeste da cidade acompanhando dois antigos caminhos.

A Estrada de Jundiá que levava a Campinas tornou-se mais e mais movimentada na segunda metade do século e receberia nessa época a Capela de Santa Cecília. Nessa região se destacavam as Chácara do Arouche, Chácara das Palmeiras, a Chácara do Dr. Domingos Jaguaribe e outras.

A Estrada de Pinheiros, reaberta em 1814 e que recebia, em 1853, a Capela da Consolação e, entre 1854-1858, o Cemitério da Consolação, dava saída para Sorocaba. Um pouco antes do cemitério, ela se bifurcava e começava o caminho do Pacaembu, futura Avenida Higienópolis. Era parte da Freguesia da Consolação. Caminho dos mais movimentados com trânsito de tropas de cavalos e burros, e dos carros de boi que demandavam o Largo do Piques para vender as frutas e verduras. Era ainda uma rota religiosa, de procissões e peregrinações a Nossa Senhora do Monte Serrat.

Na virada dos anos 1850, a cidade ainda vivia e progredia vagarosamente. Em 1854, reclamava-se da falta de água potável em todo o bairro do Piques, do Curro e da Consolação. Em 1874, reclamava-se da água suja de sabão que vinha da chácara do Dr. Martinho Prado e prejudicava os chafarizes da Luz e do Piques. Em 1873, a Câmara sugere ao governo que ilumine a Consolação com combustores a gás. Em 1878, soluciona-se o problema da água. Em 1868, entretanto, essa área não é considerada perímetro urbano, que é limitado pelas pontes. O trânsito é difícil e o abastecimento distante (INNOCENTI, 1985, p. 90).

Ainda que enriquecida, São Paulo é provinciana e fechada. Em *Macário*, Satã descreve a cidade como uma terra boêmia, como uma cidade "insípida como uma vila e pobre como uma aldeia... É a monotonia e o tédio. Até as calçadas. São intransitáveis" (AZEVEDO, 1970, p. 45).

NASCE HIGIENÓPOLIS

Os arredores da cidade eram até então ocupados por chácaras, tipo de habitação nem urbana nem rural, ao agrado dos prósperos fazendeiros. Muitos dividiam seu tempo entre os casarões de taipa do triângulo central, representado pelas ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro, e as chácaras. Dona Maria Antônia da Silva Ramos, filha do barão de Antonina, sócio do barão de Iguape, pai de Dona Veridiana, por exemplo, possuía nas bandas do Pacaembu de Baixo uma chácara, que usou por muito tempo só como pasto e pomar. O mesmo fez o barão de Ramalho, também barão da Água Branca e vizinho de Dona Veridiana na Consolação. Dona Maria Angélica Aguiar de Barros residiu na Chácara das Palmeiras, arrematada em 1874. Dona Veridiana morava na Chácara da Consolação que, em 1868, estava fora do perímetro urbano. Nas terras de Joaquim Floriano Wanderley, no caminho do Pacaembu, estava o chalé alugado para o Hotel de França e administrado pela Cia. de Higienópolis. Ali já havia sido uma casa de repouso chamada Hotel Higienópolis, graças ao excelente clima e à bela localização. Posteriormente, foi ocupado por uma escola. Eram, ainda, proprietários nessa região o Dr. Domingos Nogueira Jaguaribe e Dr. Rego Freitas. Essas chácaras constituíam um cinturão à volta do núcleo central, e João Teodoro procurou incentivar os loteamentos.

Algumas glebas eram vendidas a companhias que negociavam os terrenos como aconteceu com o Pacaembu de Cima, lado ímpar da Rua Pacaembu (Av. Higienópolis). Nothmann e Glette, comerciantes alemães, constituíram uma empresa imobiliária que comprou a Chácara do Campo Redondo e a loteou em 1876, como bairro de Campos Elíseos. Gastaram 100 contos e receberam 800 contos de réis no empreendimento. Nothmann, associado a Bucharth, também alemão, comprou em 1890 as terras do barão de Ramalho (360.611,45 m²) além de outra gleba ao sul. Posteriormente, em 1895, comprou o Pacaembu do espólio de Wanderley (206.800 m²). Essa terra foi destinada ao loteamento, com o nome de Boulevard Bouchard. O nome não pegou... tornou-se Higienópolis.

Outras chácaras foram loteadas pelos proprietários, como aconteceu por volta de 1901, quando o prefeito conselheiro Antonio Prado concede isenção impostos mediante o arruamento. Acompanhando as várzeas dos rios, surgiram loteamentos que abrigaram trabalhadores como Mooca, Brás, Pari, Hipódromo etc. As camadas médias se estabeleceram ao redor do centro em locais como a Liberdade. As elites subiram as encostas em busca de bons ares, belas paisagens e um local saudável. Foram acompanhando as estradas de Sorocaba e Jundiaí. Formaram Santa Cecília, Santa Ifigênia e Higienópolis. Continuaram a subir encontrando o espigão da Paulista.

Na segunda metade do século XIX, a elite já urbanizada começa a mudar. Há preceptoras europeias que se encarregam da educação das crianças, jovens vão estudar no Velho Mundo, a educação da mulher passa a ser cuidada, pois ela precisa se apresentar socialmente.

A cidade se equipa. A "Casa Garraux", filial da "Livraria Casa Imperial" aberta em 1860, tornou-se ponto de encontro de intelectuais e por onde chegavam as novidades europeias marcando essa tendência de europeização (TORRES, 1967, p. 48-49).

Tudo começa a mudar. Os anos 1870 marcarão o começo de uma nova vida em São Paulo que, na década de 1890, é quase uma "cidade cosmopolita". O crescimento demográfico é notável. Em 1872, são 23.243 habitantes; em 1886, 44.030 habitantes; em 1890, 64.934; e, em 1893, 129.409 habitantes.

A cidade receberá uma administração progressista preocupada em remodelar a cidade a atrair capitais e população. Essas estratégias são conduzidas por João Teodoro de Matos (1872-1875). Prenuncia-se um novo tempo (MORSE, 1953, p. 187).

É nesse contexto que nasce Higienópolis.

Loteamentos sucessivos retalham o espigão de Santa Cecília. Chácaras e chácaras sem benfeitorias ocupavam uma área cortada pelo caminho do Pacaembu. Nele uma única construção existia. Havia sido um hospital, cujo nome era Higienópolis e era então um hotel, que depois se transformou em escola, onde hoje está o Colégio Sion. Tinha sido colocado ali, pois a área beneficiava a saúde e era bonita.

Em 1878, já separada do marido e tio, Martinho da Silva Prado, Dona Veridiana adquiriu lá uma gleba e foi uma das primeiras a estabelecer residência nos altos de Santa Cecília, em 1885. A planta de seu palacete ela trouxe da Europa em 1882. Obedecendo ao estilo renascentista francês, nele se empregou somente material importado, única alternativa para obter os resultados desejados, naquela época. Anterior a ele, em estilo europeu, só havia o "Grande Hotel", projetado por Von Puttkamer a pedido de Glette e Nothman em 1878.

O palacete de Dona Veridiana, denominado Vila Maria, tornou-se um símbolo de sua riqueza e personalidade, marcou os rumos que tomariam o bairro e lhe deu uma fisionomia. A adequação da construção ao gosto da época se refletiu na proliferação de soluções semelhantes, como a casa de Dona Maria Angélica, réplica de um castelo alemão em 1891, a Chácara do Carvalho, projetado por um italiano e mandado construir pelo conselheiro Antonio Prado, e o Palacete dos Campos Elíseos, encomendado por Elias Chaves. Essas eram as mais importantes residências no fim do século XIX.

Nada na Vila Maria lembrava os velhos tipos de moradia. Na distribuição interna, as áreas sociais se ampliaram, refletindo um novo cotidiano que se instaurava. A cozinha, a primeira no subsolo, com monta carga, podia atender os convivas constantemente presentes. A casa ficava implantada no meio de um jardim (as casas não são mais construídas junto à rua) em estilo francês, com espelho d'água onde nadavam cisnes e marrecos, as dâlias e margaridas substituídas por rosas e plantas mais cosmopolitas, projetado por Glaziou, autor dos passeios públicos do Rio de Janeiro. Ao seu lado persistiam o pomar, a horta e as cocheiras, com cavalos de raça, garantindo abastecimento e transporte. Eram europeus os jardineiros que cuidavam desse jardim que Dona Veridiana abria às crianças do bairro, exemplo seguido

pela condessa Penteado. A casa era decorada com móveis e peças trazidos de viagens, obras de arte estrangeiras ou encomendadas a artistas brasileiros como Almeida Junior e Brecheret e muito bem aparelhada.

Essa nova maneira de implantar a construção no terreno torna-se lei em 1898, apresentada pelo Dr. Pedro Gomes Cardim, segundo a qual obrigavam-se "as construções de casas nas avenidas Higienópolis e Itatiaia (atual avenida Angélica) a respeitarem 6 metros entre o alinhamento e a frente da casa, pelo menos para jardim e arvoredos, e bem assim, um espaço não menor de 2 metros de cada lado" (HOMEM, 2011, p. 56).

O loteamento foi dotado de todas as benfeitorias urbanas: água, esgoto, iluminação a gás, arborização com plátanos, magnólias e outras espécies estrangeiras, e até uma linha de bonde implantada pela Cia. Viação Paulista. Incorporava os conceitos do sanitarismo, até mesmo na criação de praças, como a Buenos Aires e o belvedere no fim da Higienópolis, hoje Praça Esther Mesquita.

Oficializou-se o nome Higienópolis em 1894 para a área que iniciava além da bifurcação com as ruas Itambé, D. Veridiana, D. Maria Antônia, Major Sertório e Av. Higienópolis.

A área loteada por Nothmann e Buchard atraiu alemães, ingleses e americanos presbiterianos da Escola Americana. Os americanos, desde 1890, adquiriam áreas para incorporar à escola. Ocuparam na região 45.470 m² entre residências e dependências escolares, além do terreno da Rua Maranhão, destinado ao Seminário. Isso teve início por volta de 1880 com a doação de 27.000 m² de terreno feita por Dona Maria Antônia, na esquina da rua de seu nome com a Rua Itambé. Entre 1891 e 1885, foram construídos cinco prédios, e, em 1891, o conjunto educacional tomou o nome de Mackenzie, advogado de Nova York que fez uma doação para a Faculdade de Engenharia. A construção do Hospital Samaritano deveu-se ao mesmo grupo.

A primeira pessoa a residir do lado ímpar da Higienópolis foi Henrique Schaumann, dono da Botica Veado D'Ouro, em 1897. No mesmo lado, Antonio Álvares Penteado adquiriu uma gleba e, em 1901, encomendou um palacete no estilo *art nouveau*, hoje prédio onde funciona o Departamento de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. Notável construção, gente de prol, reforçou-se ainda mais o prestígio do bairro com a "Vila Penteado".

A elite seguiu espigão acima até encontrar a Paulista.

Na longa Paulista, instalaram-se o dinheiro novo, os estilos das luxuosas mansões denotando a origem de seus proprietários, na maior parte imigrantes enriquecidos. Outros loteamentos grassaram por aquela área, seguindo um modelo inglês na implantação, por exemplo, dos Jardins.

Em Higienópolis permanecia o dinheiro do café. Dividia-se a área de muitos dos palacetes para instalar ao redor a parentela. As grandes e luxuosas construções foram feitas no bairro

até 1929. Afinal, a crise do café desestruturou muitos por ali. A partir de então, casas menores, geminadas e de aluguel se entremeiam, outros estilos arquitetônicos aparecem.

Desde 1920, a burguesia tradicional dava sinais de enfraquecimento. A crise de 1929 e a derrota da Revolução de 1932 desgastaram esses grupos. O bastão da riqueza e do poder mudou de mãos.

A pujança da terra paulista passou às mãos da nova burguesia, prósperos industriais e comerciantes de origem imigrante. O espigão que ocupavam era o mais alto da cidade, a Avenida Paulista.

Outra fase começava, uma nova reordenação socioeconômica. Concomitantemente, inicia-se a descaracterização dos bairros construídos na República Velha.

Higienópolis sai de sua fase áurea, começa a abrigar as camadas médias e se prepara para a metamorfose entre 1950-1980 com a revalorização dos terrenos, ocupação vertical, mas, graças às características que nasceram consigo, manteve-se entre os bairros tidos como de padrão A.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lefebvre (1969, p. 55) propõe a definição inicial de cidade "como projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre um lugar sensível, como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano".

Entramos aqui no plano do simbólico. O momento histórico da implantação de Higienópolis traz em seu bojo a mudança das estruturas socioeconômicas de estamental a capitalista. Isso se reflete em um novo desenho urbano na cidade de São Paulo, seja espacial, seja de equipamento urbano, de mercado de trabalho, de atividades econômicas e de possibilidades.

Cada um a seu modo, em ações individuais, dá corpo às estruturas dentro espaço urbano, conforme vimos.

Como, entretanto, essa nova cidade é reconstruída simbolicamente? Quais os instrumentos disponíveis? Quem pode pô-los em ação?

Reputo de extrema importância o contato social e a conversa entre os indivíduos na discussão de temas que reelaboram a sua vivência e o compartilhamento dessas novas construções. Essas vão informar as novas ações.

Os salões são espaços privilegiados para tecer imagens, elaborar acordos, conhecer pessoas e ideias e, informalmente, traçar estratégias. Nesse momento histórico, faz-se necessário solidificar alianças e construir novos símbolos. Afinal, o poderoso não é mais o barão, mas o empresário. São Paulo não é mais uma vila, mas uma cidade cosmopolita, e, nessa nova organização da sociedade, a ascensão social é possível a qualquer um. Dona Veridiana é, naquele momento, um elemento catalisador de prestígio, poder econômico e político oriundos de si mesmo e de sua prole. Reúne em si a condição e o interesse, pois essa foi uma maneira

escolhida por ela para se relacionar fora da parentela. Passa a receber semanalmente, às quintas-feiras. A repercussão de seu salão ultrapassa o evento social.

[...] é o momento histórico em que a atividade cultural e política ganha novas áreas de circulação. Escapam ao monopólio do Estado, família e Igreja. Há um crescimento das atribuições da sociedade civil. Por outro lado começa a se configurar um segmento profissional que se especializa nas atividades científicas e culturais, não mais como hobbies das elites mas ocupações da pequena burguesia, também. Este é o momento em que se inicia o aproveitamento estrutural das atividades simbólicas. Literatos e jornalistas formulam e fazem circular uma ideologia justificadora da nova estruturação da sociedade e da burguesia como parte dela. Cientistas procuram a compreensão do meio social e a implementação de técnicas que são necessárias (INNOCENTI, 1985, p. 231).

Higienópolis acolheu o grupo heterogêneo constituído de políticos, empresários e parentes, mas também por jornalistas, médicos, cientistas recebidos pela anfitriã Veridiana. No salão se refletia sobre a realidade e se gestava um novo tempo.

The reinvented São Paulo: Higienópolis and a new time

Abstract – At the end of 19th, in the city of São Paulo, the transformed social economic structure intensely projected its face. There is a huge population growth, diversification of the labor market, redevelopment of urban structures, new patterns of behavior and criteria of social value. These all have the origin in the wealth generated by the coffee culture and trade. Higienópolis, the new and sophisticated neighbourhood, arises in this context and translates physically, this whole framework. In this reading of the past you find people whose innovative action enables the changes to happen, a reflection of the social whole. As soon as the symbolic construction of new reality is done and already shared with different social groups, the process is completed.

Keywords: Higienópolis, São Paulo, agrarian bourgeoisie in São Paulo, sanitation, innovation.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. Macário. In: AZEVEDO, V. *O noivo da morte (Álvares de Azevedo)*. São Paulo: Clube do Livro, 1970.

DARREL, L. E. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977.

D'ÁVILA, L. F. *Dona Veridiana: a trajetória de uma dinastia paulista*. São Paulo: Girafa, 2004.

HOMEM, M. C. N. *Higienópolis: grandeza de um bairro paulistano*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2011.

INNOCENTI, T. F. de B. P. D. *Veridiana Valésia da Silva Prado: uma imagem e seus espelhos*. 1985. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade – o fenômeno urbano: sentido e finalidade da industrialização*. O principal direito do homem São Paulo: Documentos, 1969.

MORSE, R. M. *Da comunidade à metrópole*. São Paulo: Serviço de Comemorações Culturais, 1953.

TORRES, M. C. T. M. Um lavrador paulista no tempo do Império (Luis Antonio de Souza Barros). *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. CLXXII, jan./dez. 1967.

ZALUAR, A. E. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*. São Paulo: Livraria Martins, 1953.